

O Teatro Experimental Negro sob a visão do jornal Quilombo: um projeto de afirmação e “descomplexificação” do negro

Maria Nilza da Silva
Universidade Estadual
de Londrina
mnilzap@gmail.com
Brasil

Guilherme Souza Costa
Universidade Estadual
de Londrina
guilhermecostacontato@gmail.com
Brasil

*The Teatro Experimental Negro under
the vision of the newspaper Quilombo:
a project of affirmation and
“de-complexification” of the black subject*

Recibido: 1° de octubre de 2022

Aceptado: 1° de diciembre de 2022

Resumo

Este trabalho se dedica a uma análise exploratória das matérias publicadas no jornal Quilombo, editadas sob a direção de Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos entre 1948 e 1950 sobre o projeto artístico, pedagógico e terapêutico proposto pelo Teatro Experimental Negro (TEN). Buscou-se por meio da discussão dos textos analisados, captar a forma pela qual os intelectuais do TEN enxergavam o problema racial no Brasil e de que maneira eles reagiam para mudar essa realidade. Os principais temas discutidos

foram o reconhecimento do racismo, os seminários de Grupoterapia, que visavam a superação dos problemas do negro, e as lutas pelo reconhecimento e igualdade de oportunidades. Concluo, por meio deste estudo, que a vida do negro no país é retratada no jornal como uma luta diária contra os efeitos herdados no regime de escravatura, somada a uma manutenção das desigualdades e ao racismo. As aspirações das pessoas negras são, portanto, de que um dia esse problema seja superado, por meio da articulação política, da valorização da cultura negra e da implementação de políticas afirmativas.

Palavras-chave

Jornal *Quilombo*, Imprensa Negra, Racismo, Democracia Racial.

Abstract

This research is dedicated to an exploratory analysis of the stories published by the newspaper *Quilombo*, edited by head Abdias Nascimento between 1948 and 1950, about the artistic pedagogical and therapeutic project proposed by the Black Experimental Theatre (TEN). We sought to investigate, through the discussion of the arguments used in the analyzed texts, how the founders of TEN understood the racial issue in Brazil and how they reacted to change this reality. The main themes discussed are the recognition of the racism, Group Therapy seminars, which intended to overcome the problems of the black people, and the fight for the appreciation, as well as the fight for opportunities equality. I conclude with this study that the life of the black people in the country is portrayed in the newspaper as a daily fight against the effects of the slavery regime added to the maintenance of the inequalities and to the racism. The aspirations of the black people, therefore, are that eventually this problem may be overcome, through political articulation, appreciation of the black culture and implementation of affirmative policies.

Keywords

Newspaper *Quilombo*, Black Press, Racism, Racial Democracy.

Introdução

¹⁾ O projeto do Teatro Experimental do Negro englobava o trabalho pela cidadania do ator, por meio da conscientização e da alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos funcionários públicos. A companhia inicia suas atividades em 1944, colaborando com o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), na encenação da peça *Palmares*, de Stella Leonardos. Quando decidem empreender um espetáculo próprio, constatam que não há, na dramaturgia brasileira, textos que sirvam aos seus objetivos. Abdias do Nascimento descobre em *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, o retrato mais aproximado da situação do negro após a abolição da escravatura. O espetáculo estreia em maio de 1945, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e obtém boa receptividade, com elogios ao protagonista, Aguinaldo Camargo (Mendes, 1993).

²⁾ O psicodrama é uma prática terapêutica concebida pelo médico romeno Jacob Levy. O método passou a ganhar contorno sociológico, expandindo-se com ampla utilização em psicoterapias de grupo. Trata-se de uma abordagem que utiliza a improvisação de cenas dramáticas para analisar e orientar processos psicoterapêuticos. No Brasil, chegou entre 1948 e 1950 pelas mãos de Guerreiro Ramos, preocupado com as condições de educação e qualificação profissional dos negros.

O objeto de análise deste estudo é composto pelos debates levantados e pelas ações de transformação da realidade social impulsionados pelos membros do Teatro Experimental Negro¹ (TEN) sobre a causa negra no Brasil. A pergunta-chave da qual partimos nossos questionamentos é: como os membros do Teatro Experimental Negro enxergavam a questão racial no Brasil e de que modo eles atuavam para mudar essa realidade?

Sob a liderança do jornalista, teatrólogo, economista, professor, político, artista plástico, autor, ator, político e militante do Movimento Negro, Abdias Nascimento; do sociólogo, pesquisador, professor e também militante Guerreiro Ramos; além de muitos outros intelectuais, o TEN representava uma resposta aos limites impostos aos negros pelo racismo no Brasil. Não só por meio de peças teatrais, produzidas e protagonizadas por artistas negros - o que, para a época, já era uma grande inovação - o grupo dispunha de um amplo projeto psicopedagógico que procurava elevar a moral da população negra e prepará-la para combater o racismo, não por meio de um confronto direto, mas sim, afirmando o seu valor perante a sociedade.

O Teatro Experimental Negro incorporou um projeto de valorização da subjetividade de negros, que por muito tempo foram assolados pelos efeitos nefastos da escravidão e, posteriormente, do processo de exclusão resultado da modernização capitalista. Essa mudança no comportamento e na mentalidade do negro, seria feita por meio da iniciação no meio artístico, da educação e, sobretudo, por meio do teatro, do psicodrama e do sociodrama².

Para analisar os métodos de atuação do TEN, utilizaremos os registros feitos por Abdias Nascimento e seus companheiros nas reportagens e artigos veiculados no jornal "*Quilombo - Vida, Problemas e Aspirações do Negro*". Publicado entre 1948 e 1950 pelo Teatro Experimental Negro, sob o comando de Abdias do Nascimento, o jornal é um importante representante na história da Imprensa Negra brasileira. Para esta pesquisa, foi utilizada a versão fac-similar publicada em 2003 pela Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo que reúne, na íntegra, todas as edições do jornal.

A escolha pela análise de um veículo de comunicação como canal para articulação dos conceitos aqui trabalhados, bem como um passado histórico, com o objetivo de se compreender as complexidades dos problemas atuais, se deu, sobretudo, devido à premissa básica da imprensa de refletir de maneira mais objetiva e fidedigna a realidade do momento em que suas páginas são veiculadas. A partir desta prerrogativa, pode-se apreender dos jornais de uma época informações que, mediante uma leitura crítica, são capazes de nos conferir um diagnóstico social.

Como se poderá perceber, a publicação foi uma importante ferramenta pela afirmação racial, conscientizando sobre a vida, os problemas e aspirações do negro no Brasil no início da democracia contemporânea. Como o próprio nome do jornal sugere, os textos abordam aspectos sociais e sociológicos a respeito da vida, dos problemas e das aspirações da população negra. Ao longo das páginas, entre as reportagens e artigos, percebemos a discussão das temáticas que serão abordadas.

O Teatro Experimental Negro (TEN)

O Teatro Experimental Negro foi fundado em 13 de outubro de 1944, no Rio de Janeiro, quando Abdias tinha 30 anos. Para isso, se aproximou e contou com a colaboração de intelectuais de São Paulo. Elisa Larkin Nascimento, última esposa de Abdias e estudiosa das relações raciais, afirma que o negro antes era sempre colocado em posição de inferioridade e o TEN veio para criticar essa realidade. Em uma entrevista ao jornal *Lampião*, Abdias afirmou que o grupo escolheu o teatro como forma de expressão porque tinha o objetivo de mudar os critérios estéticos, pois, antigamente, quando uma peça obrigava a presença de uma figura negra, costumava-se pintar a pele de um ator branco (Semog e Nascimento, 2006, p.126).

Embora o TEN tenha iniciado suas atividades colaborando com o Teatro do Estudante do Brasil (TEB), na encenação na peça *Palmares*, de Stella Leonardos (Oliveira e Silva, 2012, p.26), em *Quilombo*, Abdias Nascimento se refere ao início do TEN com outra peça: *Imperador Jones*, de Eugene O'Neill³, com tradução de Ricardo Werneck de Aguiar. De acordo com a resenha

³ Dramaturgo americano vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 1936. O autor cedeu os direitos autorais da peça ao TEN sem custos.

do jornal, a interpretação do protagonista Agnaldo Camargo foi surpreendente, uma vez que se tratava de uma peça muito difícil de ser executada. Há também um registro de um pequeno número de espectadores porque “a maioria não acreditava na vitória dos negros” (Quilombo, 2003, p.7).

Recorrer a peças estrangeiras era um recurso utilizado pelo TEN mediante a carente produção literária nacional que discutisse as temáticas propostas pelo Teatro Experimental Negro. Em resposta a essa demanda dramaturgica da companhia, Lucio Cardoso teve seu texto *Filho Pródigo* encenado em 1947 e desencadeou o surgimento de novos textos escritos por autores como o próprio Abdias Nascimento, Moraes Pinho e Joaquim Ribeiro, todos com elementos da cultura religiosa negra e com toques de crítica social.

O TEN promoveu ações de caráter cultural, educacional e social. Em salas cedidas pela União Nacional dos Estudantes (UNE), várias aulas de alfabetização foram chefiadas pelo professor Ironides Rodrigues. Homenagens a poetas consagrados da literatura, como Cruz e Souza e Castro Alves, na forma de conferências e recitais, foram realizados, além de concursos de beleza, bailes e atividades recreativas com o objetivo de socialização da comunidade (Quilombo, 2003, p.12). Sobre a necessidade das salas de alfabetização, o projeto educacional não se limitava à possibilidade de leitura e memorização dos textos para encenação. Havia uma real preocupação com a valorização cultural dos negros. Quanto aos concursos de beleza, afirma que tinham o propósito de garantir que as mulheres negras fossem valorizadas enquanto seres humanos e não somente como objetos eróticos.

A imprensa negra no Brasil

Percebemos no nosso dia a dia a importância da mídia na propagação e difusão de mensagens. No entanto, a constituição de uma prática discursiva que desencadeia estereótipos e preconceitos se faz presente no discurso das mídias “No discurso em questão, a materialidade simbólica produz efeitos de verdade que desencadeiam a uma situação de negação e rejeição ao negro” (Oliveira, 2013, p.122).

É visível que, no aspecto racial, os meios de comunicação refletem e predizem o padrão de dominação e acabam difundindo formas de pensamento e ação que, em diversos momentos, são marcados pela estereotipagem e estigmatização. Quando se analisa a atuação do racismo sobre o discurso midiático, pode-se inferir que os meios de comunicação ainda têm muito a evoluir ao discutir este que é ainda um tema tabu, fadado à invisibilidade na imprensa, no cinema, na televisão, no rádio e na internet. Ainda é possível perceber no jornalismo, nos filmes, nas novelas e na publicidade a insistência de clichês que fadaram por décadas a população negra aos estereótipos outrora instituídos (Sodré, 1998, p.24-28). Não obstante, os meios de comunicação ainda reprimem os aspectos positivos das manifestações culturais negras, além de mostrar desconhecimento quanto à contribuição civilizatória dos negros no Brasil (Almada, 2012, p.28).

Em contrapartida, emerge a chamada imprensa negra, que não se constituiu em uma associação organizada e homogênea de empresas de comunicação com suas publicações, como é o caso da grande imprensa, mas sim em uma série de publicações alternativas que foram independentemente publicadas por diferentes grupos com um objetivo em comum: o debate da questão racial no Brasil. A denominação “imprensa negra” é um termo utilizado pelos estudiosos das relações étnico-raciais atualmente, apenas a título de uma classificação e maior facilidade na organização e análise destas publicações.

Uma pesquisa de Ubirajara Damaceno Motta de 1986 explora com uma abordagem diferente a imprensa negra, comparando-a com a agitada imprensa alternativa que existia desde o final do século XIX. Trata-se do estudo “Jornegro - um projeto de comunicação afro-brasileira”. Segundo o autor, a Imprensa Negra dessa época era altamente influenciada pelas publicações da classe operária, uma vez que ambos tinham um objetivo principal: denunciar os problemas vividos pelo seu grupo. Enquanto os operários lutavam por melhores condições de trabalho, os negros lutavam por uma melhor integração social, mas ambos tinham em comum a conscientização dos seus leitores: “o negro percebe nos imigrantes, além do rival que lhe toma as chances de sobrevivência, um exemplo a ser seguido para melhorar seu nível de vida” (Motta, 1986, p.78). Na análise de Motta (1986) sobre as relações raciais

no mercado de trabalho, principalmente no desenvolvimento da ordem fabril em São Paulo, foram encontrados mecanismos tão engenhosos para a exclusão da população negra, que o autor chega a utilizar o termo “racismo à paulista”: “[...] a elite empregava um discurso que ora apontava a suposta vagabundagem, ora identificava o pretense despreparo profissional da população negra como as causas de seu estado de penúria e marginalização” (p.110).

O jornal Quilombo

Percebemos por meio do *Quilombo* os objetivos que norteavam as intenções do TEN, grupo responsável por editar e publicar o jornal. Nas palavras do próprio Abdias do Nascimento: “que o negro rompa o dique de resistências atuais com seu valor humano e cultural, dentro de um clima de legalidade democrática que assegura a todos os brasileiros igualdades de oportunidades e obrigações” (Quilombo, 2003, p.7).

Abdias do Nascimento dedicava no jornal *Quilombo* um espaço representativo para o Teatro Experimental Negro, no sentido de divulgar suas peças e exaltar suas realizações. Logo na primeira edição do jornal, a publicação traz uma breve história do TEN, com resenhas positivas sobre as recentes peças encenadas sob o comando da companhia e com convidando os leitores a prestigiar produções futuras. Dizia o jornal:

Fundado em fins de 1944 por Abdias Nascimento, com o apoio de várias pessoas brancas e pretas, o Teatro Experimental Negro se firmou, desde sua estreia no Teatro Municipal, a 8 de maio do ano seguinte, como alguma coisa nova e forte em nosso mundo artístico (Quilombo, 1948, p.7).

Os principais idealizadores do projeto foram Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, mas ao longo das edições foram se incorporando outros colaboradores como Aguinaldo de Oliveira Camargo, Wilson Tibério, Teodorico dos Santos e José Herbal, entre outros. Os editoriais, por sua vez, eram da autoria de Abdias Nascimento enquanto as outras matérias eram assinadas por um total de 56 autores intermitentes.

Segundo Petrônio Domingues (2008, p. 264) o jornal *Quilombo* tinha uma boa composição gráfica para a época, com fotos,

desenhos e ilustrações etc., intercaladas aos textos. Se nas primeiras edições a fotografia tinha um papel ilustrativo e quase coadjuvante nas matérias do *Quilombo*, sua participação teve uma representatividade crescente ao decorrer das edições do jornal, sobretudo na capa. A foto de capa da edição 3, talvez a mais conhecida, chama a atenção pela falta de conteúdo textual lhe acompanhando, funcionando como o ponto central da capa de apresentação do periódico.

O processo de “descomplexificação”

O Teatro Experimental Negro trouxe aos palcos brasileiros peças teatrais que retratavam a realidade de vida da população negra desde a abolição da escravatura. Tratava-se de um momento em que a história brasileira experimentava raros e frágeis períodos democráticos. O grupo teve ainda destaque na organização de projetos sociais voltados para a comunidade negra. Como destaque, podemos citar o curso de alfabetização, concursos de beleza e a organização de eventos como o 1º Congresso do Negro Brasileiro. Nestes eventos, se discutiam as necessidades reivindicações da comunidade negra⁴.

⁴ A discussão das políticas de ação afirmativa tomou dimensão nacional e internacional, com maior visibilidade nos últimos anos; contudo, convém lembrar que a temática já aparece no Brasil em 1950 durante a realização do I Congresso do Negro Brasileiro. O Congresso teve repercussão na então colônia portuguesa, Angola, numa notícia que também informava sobre o Jornal Quilombo, publicada em 25 de junho de 1950, em Luanda (Silva e Laranjeira, 2007, p. 134).

De todos os envolvidos no TEN, Guerreiro Ramos foi o responsável por trazer a dramatização que vai além da manifestação artística e se torna um processo terapêutico de “descomplexificação” do homem negro. Ao lado de Abdias Nascimento, foi um dos principais colaboradores e idealizadores do TEN e do jornal *Quilombo*. Na obra “Introdução crítica à sociologia brasileira”, Alberto Guerreiro Ramos elenca os três objetivos fundamentais do TEN:

1) formular categorias, métodos e processos científicos destinados ao tratamento do problema racial no Brasil; **2)** reeducar os “brancos” brasileiros, libertando-se de critérios exógenos de comportamento; **3)** “descomplexificar” os negros e mulatos, adestrando-os em estilos superiores de comportamento, de modo que possam tirar vantagens das franquias democráticas, em funcionamento no país (Ramos, 1995, p.206).

Nesta perspectiva, de acordo com Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2002, p. 93), o TEN não representou apenas uma

associação de pessoas preocupadas em promover a dramaturgia, mas também, a posição ideológica do movimento que reivindicava um aumento na qualidade da vida social e cultural do negro. Na análise do autor, o TEN procurou denunciar o estigma social dos negros por meio do teatro e do psicodrama e, posteriormente, oferecer uma integração e mobilidade social dos pretos, pardos e mulatos. Isso seria feito por meio da Grupoterapia e com a metodologia do sociodrama e psicodrama.

Para tratar de temas como a criação estética, as sobrevivências emocionais, a integração e participação do homem negro nas artes, entre outros, o jornal Quilombo investia na difusão de matérias a respeito da Grupoterapia e do Sociodrama. É por meio dessas duas metodologias, e da participação efetiva dos membros do TEN, que o jornal capta a vida, os problemas e as aspirações do negro.

As atividades fora de cena do Teatro Experimental Negro viavam o chamado campo de polarização psicológica. Guerreiro Ramos também constata uma crescente desvalorização estética da cor negra em meio ao pensamento social brasileiro a partir do período pós-abolição, na medida em que o Brasil foi marcado por uma realidade em que não havia, praticamente, pessoas pigmentadas em posições que não fossem inferiores (Ramos, 1995, p. 174-175).

Algo precisava ser feito em relação a essa realidade. Para tanto, Ramos ampliou as atividades do TEN com a implantação da Grupoterapia, possibilitada por meio da criação do Instituto Nacional do Negro. A Grupoterapia era possível graças ao psicodrama, que é uma prática psicoterapêutica concebida pelo médico judeu Jacob Levy Moreno, nascido 1889, em Bucareste, na Romênia. O psicodrama é uma abordagem que utiliza a improvisação de cenas dramáticas para analisar e orientar processos psicoterapêuticos de indivíduos ou grupos. O objetivo é favorecer a criação de estratégias transformadoras da situação originária de sofrimento e a expansão dos recursos disponíveis para superá-lo (FEBRAP, 2007).

Guerreiro Ramos “[...] apresentou as ideias morenianas, criou possibilidades novas, deu cursos de psicodrama, escreveu artigos, ensinou psicodrama” (Motta, 2010, p. 122). O sociólogo explorava o caráter inclusivo do teatro, vendo no meio artístico a possibilidade para o negro enfrentar seus medos e ressentimentos,

se livrando de estereótipos raciais e visões autodepreciativas que estavam incorporadas na personalidade dos homens negros desde a infância. Durante os seminários de Grupoterapia, havia a transposição para o palco de situações concretas de preconceito e conflito, que eram diariamente vivenciadas pelos indivíduos. Guerreiro Ramos aproveitou para analisar o caráter de influência, a seu ver trágico, da socialização dos indivíduos na era moderna, que se inculca de modo padronizado, que acabam por comprometer a autonomia e a espontaneidade (Maio, 2015).

Segundo Elisa Larkin Nascimento, o que de mais inusitado caracterizava essa práxis sociológica do TEN era o seu direcionamento para uma ciência multidisciplinar, integrando de forma incisiva uma dimensão psicológica à sociologia, em uma época na qual as Ciências Sociais buscavam um olhar objetivo e concreto de fatos comprovados. Na avaliação da autora, o aprofundamento deste aspecto multidisciplinar, que ousava partir do negro com o centro do qual se deveria lançar um novo olhar sobre o Brasil, se tratava de uma inovação que os sociólogos da época teriam dificuldade de assimilar. “Entretanto, esses aspectos fizeram do pensamento e da ação do TEN e de seus mentores intelectuais atores inconfundíveis no palco da formação do pensamento crítico e neo - ou pós-moderno no Brasil” (Quilombo, 2003, p. 350).

Guerreiro Ramos foi um dos autores que mais contribuiu para o progresso das Ciências Sociais no século XX, desenvolvendo um método de assimilação crítica para emancipar a sociologia brasileira da dependência por teorias estrangeiras (Siqueira, Santos e Maciel, 2011, p.2). O pensamento social no Brasil, enquanto se esforçava para construir uma explicação da sociedade brasileira e de suas transformações, não reconhecia o próprio brasileiro como edificador desta obra. É muito comum uma tentativa de recorrer a tradições e teorizações alheias. Já a obra de Guerreiro Ramos é uma das contribuições no sentido de subsidiar a tentativa de superar essa situação e trazer à consciência os dilemas do pensamento social no Brasil sob uma perspectiva dos próprios brasileiros (Bariani, 2006, p.85). Para Ramos, a formação do povo brasileiro nos âmbitos político, econômico e social foi erigido sob a influência de um forte colonialismo cultural, de subordinação, na maneira de pensar e agir, de uma elite nativa em relação à cultura dos países europeus. Estaria preponderando no pen-

samento do povo brasileiro uma visão etnocêntrica baseada nas culturas europeia e norte-americana. Essa visão limitante, Guerreiro Ramos afirmava, desconsiderava a originalidade da estrutura social imitando determinações predominantes em países de capitalismo central.

Era necessário então fazer da razão sociológica um método crítico capaz de proceder a uma reflexão que assimila criticamente as contribuições técnicas importadas. Este método, Guerreiro Ramos chamou de “redução sociológica” (Bariani, 2006, p.87). É neste sentido que Guerreiro Ramos buscava para a sociologia um sentido prático, que congregasse os avanços conquistados nas aplicações práticas das Ciências Sociais para a sociedade brasileira no tocante às condições de atraso.

Esse modo de pensar transcendeu os estudos acadêmicos. A militância de Guerreiro Ramos no Teatro Experimental Negro influenciou fortemente o que ele acreditava ser o tipo de conhecimento necessário para a construção de uma autonomia de estratos sociais específicos - como o negro - e da sociedade brasileira como um todo (Filgueiras, 2012).

O TEN, portanto, desenvolvia a articulação do ponto de vista do “negro desde dentro”, ou seja, o discurso e a ação do sujeito que se afirma de modo autêntico como negro. Nesse processo, Guerreiro Ramos expressava a construção de uma autoestima positiva que possibilite ao sujeito dizer, nas palavras de autor: “Sou negro, identifico como meu o corpo em que o meu eu está inserido, atribuo à sua cor a suscetibilidade de ser valorizada esteticamente e considero a minha condição étnica como um dos suportes do meu orgulho pessoal” (Ramos, [1958] 2006, p. 131).

A metodologia da Grupoterapia foi descrita por Ramos no texto “Uma Experiência de Grupoterapia”, na coluna Arquivo, na edição número 4, página 7, publicada em julho de 1949. No referido texto, o autor apresenta dois argumentos principais: o de que a realização do 1º Congresso do Negro Brasileiro representou um avanço no debate sobre os problemas raciais no Brasil, e de que o próprio Congresso, em si, se tratava de uma experiência de Grupoterapia.

Durante o evento, o intelectual ministrou uma conferência na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), intitulada “O Teatro Experimental Negro e as experiências do sociodrama”. O convite

para o debate foi feito pelo sociólogo Oracy Nogueira, que se tornou um importante divulgador dos trabalhos da Escola Sociológica de Chicago, inclusive dos estudos sobre relações raciais.

O autor apresenta na coluna publicada sobre o Congresso algumas garantias pertinentes à argumentação sobre a pertinência sociológica da Grupoterapia. Em primeiro lugar, o discurso que Abdias Nascimento proferiu durante o evento efetivou a participação do TEN como uma iniciativa de maior profundidade na atividade cultural do país. De acordo com Guerreiro Ramos, o teatro se instala dessa forma, retomando seu significado original, como um “adestrador” do homem negro, funcionando tanto como uma ferramenta artística quanto sociológica. O TEN se consolida então como uma experiência de psicossociologia. Essas proposições se apoiam em uma comparação ao famoso Grupo de Oxford e ao grupo francês L'Ordre Nouveau (Quilombo, 2003, p.7). Vale ressaltar que, a exemplo de sua sociologia, Guerreiro Ramos não se utiliza de modelos estrangeiros para explicar um fenômeno social brasileiro. Essa ressalva é feita no texto, uma vez que o autor destaca que se tratar somente de uma semelhança formal ou de método. Outro apoio utilizado neste texto é a menção ao método moreniano de psicodrama e sociodrama, mas é claro, se internalizando e se ajustando à realidade brasileira.

O segundo argumento de Guerreiro Ramos está no texto “Uma Experiência de Grupoterapia”, o de que o próprio Congresso do Negro Brasileiro foi, por si só, uma experiência de Grupoterapia, pois o autor relata três episódios em que ocorreu “[...] um campo de polarização psicológica, onde o homem encontra oportunidade de eliminar suas tensões e seus recalques” (Quilombo, 2003, p.7).

Como na maioria dos textos do jornal Quilombo, os autores demonstram a ciência de que estavam à frente de projetos precursores, cujos resultados só seriam observados em longo prazo, e cuja execução seria alvo de críticas durante o seu processo. Outros textos publicados no jornal carregam respostas e enfrentamentos diante de questionamentos como, por exemplo, se o TEN não seria uma espécie de quilombismo, que visava separar os artistas negros em um grupo específico. No texto biográfico de Éle Semog, “Uma empreitada sem fim”, em que são relatadas as diversas

dificuldades pelos dirigentes do TEN, podemos perceber que até mesmo outros homens negros demonstraram protestos:

A inveja ativa, ao contrário do banzo, concluímos, é uma reação consciente de que negros e brancos que sentem um tipo singular de mágoa (e de raiva) contra aqueles poucos negros que conseguem implementar e concluir projetos bem-sucedidos, afins com as nossas questões étnicas, políticas, sexuais, amorosas, raciais. Grosso modo, se o sujeito for um Pelé, ou uma Glória Maria, ou uma Viviane Araújo, negros cujo sucesso pessoal não contempla os objetivos mais amplos da melhoria de condições de vida pra população afrodescendente, sente-se feliz por ter-se assimilado e não desperta a inveja ativa. Entretanto, com relação a André Rebouças, Luiz Gama, Lima Barreto, João Cândido, Ana Davis, Lena Frias, Zózimo Bulbul, Paulo César Caju ou Nei Lopes, a inveja ativa é devastadora e destruidora. O sucesso de projetos de pessoas como essas se torna intolerável, porque traz consigo implicações emancipadoras para a coletividade negra (Semog, 2006, p.54).

Em suma, a principal lição que se apreende do texto de Guerreiro Ramos é o caráter processual de seu engajamento. O sociólogo tinha plena consciência de que os resultados só poderiam vistos gradativamente: “[...] sem dúvida, os que participaram da Conferência Nacional do Negro saíram dela melhores do que entraram” (Quilombo, 2003, p.7).

Foram publicados ainda no jornal *Quilombo* dois textos sob o título “Teoria e Prática do Psicodrama”, o primeiro na edição nº6, páginas 6 e 7, e o segundo na edição 7/8, página 9. O objetivo principal foi o embasamento teórico do sociodrama e do psicodrama com o intuito de dar uma familiaridade maior ao leitor sobre as técnicas empregadas, além de uma espécie de pequeno estudo de caso, em que o autor reproduz um sociodrama vivido em um de seus seminários, de modo a ilustrar sua tese.

O primeiro texto é composto de dois argumentos-chave: o de que o psicodrama é, ao mesmo tempo, um método de análise e um processo terapêutico; e o de que o psicodrama se distingue de uma peça teatral convencional porque se libera de “conservas culturais”. Para sustentar essas ideias, são feitas algumas garantias. Diz o autor que o comportamento social do homem não é inato. Ele não nasce com um propósito pré-estabelecido e assim o

segue porque faz parte de sua natureza. Ele adquire funções e se desenvolve ao longo do tempo, por meio do processo da convivência e da educação. No psicodrama, o palco seria uma espécie de miniatura da sociedade, onde se deve reproduzir o problema sociológico que surge neste processo de ajustamento. O paciente no palco pode então ser treinado para um novo papel ou se readaptar para uma nova conduta. A representação do paciente de seus problemas fundamentais permite ao analista a compreensão da situação efetiva de seu paciente para realizar a terapêutica.

Ao segundo texto, em tom de relato, vale ressaltar a retratação de uma experiência de sociodrama vivenciada por Guerreiro Ramos e uma aluna descendente de alemães. O grupo reproduziu uma visita do professor à família da jovem, que é posteriormente repreendida pelos pais devido ao envolvimento com o TEN.

Finalizando mostrei os defeitos técnicos da sessão do sociodrama que se terminou de realizar. Seria necessário - disse que outras pessoas viessem dar as suas versões dos fatos ali focalizados. Lastimo a falta de voluntários e de tempo e passo a analisar com a essência das cenas que foram exibidas. Nesta análise, fica patente que as estereotipias e os preconceitos foram as causas dos conflitos e da incompreensão entre as pessoas. Tal análise exerce sobre a audiência uma invisível influência liberatória ou catártica” (Quilombo, 2003, p.9).

Os textos demonstram, portanto, o desenvolvimento processual e teórico do sociodrama e do psicodrama e vai além: ilustram como esse processo terapêutico se dá na prática. Guerreiro Ramos descreve o teatro como uma metáfora da vida real e a partir dessa premissa é que propõe, por meio da Grupoterapia, que os indivíduos “ensaiem” seus ensinamentos, suas ações suas personalidades, sem deixar de lado, contudo, sua espontaneidade.

Considerações finais

Buscou-se por meio da discussão dos textos analisados, captar a forma pela qual os intelectuais membros do Teatro Experimental Negro enxergavam o problema racial no Brasil e de que maneira eles reagiam para mudar essa realidade. Empreende-se dos argumentos apresentados nos textos analisados que o grupo encabeçado por Abdias Nascimento e Guerreiros Ramos apontava a ne-

cessidade de um reconhecimento unânime das pessoas a respeito da existência do preconceito de cor.

Apontavam ainda os sérios riscos que a divulgação da ideia de uma chamada, democracia racial, uma suposta convivência harmoniosa entre as raças, traz para a luta contra o preconceito de cor. A grande preocupação é que esse sentimento de acomodação tenha uma influência negativa na mobilização de políticas públicas, nos formadores de opinião e na própria capacidade de militância do Movimento Negro.

Segundo Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, não só é preciso reconhecer sim a existência do racismo como também combatê-lo. Essa luta, sabiam eles, se daria em um processo gradual, que teria que superar as heranças culturais e sociais de um país que perpassou quase quatro séculos de escravidão, e que mesmo ao fim do regime de exploração da mão-de-obra escrava não criou oportunidades para a inserção do negro nos espaços sociais. O próprio negro, neste sentido, ainda não teria superado todos os complexos herdados de seu passado de sofrimentos e exploração.

Focado nessa superação, Guerreiro Ramos implantou os princípios do sociodrama e do psicodrama, com base na psicanálise moreniana a fim de que as atividades do TEN transcendessem o mundo artístico e funcionassem como uma terapia que levaria a elevação da autoestima do negro. Esse seria o primeiro passo para que ele pudesse se afirmar perante a sociedade e combatesse o racismo, superando as desigualdades e participando democraticamente das construções sociais coletivas, dos espaços educacionais e da formação sociocultural brasileira.

A publicação do jornal *Quilombo* se constituiu em um registro das principais ideias defendidas por membros do Teatro Experimental do Negro, em uma trajetória de luta da população negra no Brasil. Conforme demonstrado, é possível identificar por meio da análise da publicação as reivindicações do grupo artístico-político-militante formado pelas lideranças do TEN, bem como as ações e as dimensões significativas destes intelectuais.

Foi verificado um crescente processo de elaboração de uma consciência dos problemas vivenciados pelos negros após a abolição e um interesse em ampliar o debate e discutir esses problemas, buscando respostas e soluções. O maior desafio consistia em reunir o maior número possível de pessoas interessadas em criar

uma organização capaz de unificar e conscientizar os negros, justificando a presença do jornal como mais uma ferramenta de divulgação dessa ideia. Por meio de ações beneficentes e com um projeto pedagógico estruturado, o TEN se destacou em meio a outros representantes do Movimento Negro por não apenas trazer uma inversão valorativa da figura do negro em frente à sociedade como um todo, mas sim por tentar buscar uma mudança comportamental em que exista uma valorização do negro pelo próprio negro. As matérias do *Quilombo* estão, nesta perspectiva, repletas de tentativas de enfatizar a importância da participação do negro na trajetória do desenvolvimento econômico e social brasileiro e prega a ideia de uma emancipação e integração plena desse grupo na sociedade.

Segundo os intelectuais fundadores do TEN e do *Quilombo*, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, a consciência e identificação de uma causa específica dos negros depende e subordina-se à formação e consolidação de um grupo que se reconhece e que se identifique como negro. O processo de afirmação desse grupo avançaria, então, por meio dos projetos e propostas implementados por ações do Movimento Negro e pela divulgação na Imprensa Negra.

Com o TEN vemos uma união de negros brasileiros que se identificavam não somente pelas características físicas, mas por partilharem uma história em comum. O passado de escravidão e o presente de desigualdade e sofrimento causado pelas consequências do racismo passam a se tornar elementos de influência que sinalizam uma alteridade que consolida uma identidade em comum. Ainda que nas páginas do *Quilombo*, seja perceptível a preferência por expressões como “homens de cor” ou “homens pretos”, seguindo a orientação dos estudos de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, de que podemos hoje trabalhar sem reservas com a construção social em torno do termo raça.

Referências

- Almada, S. (2012). Prefácio. In: Borges, R. C S., Borges, R. (Orgs.). *Mídia e Racismo* (pp. 24-31). Brasília: ABPN.
- Bariani, E. (2007). Guerreiro Ramos: uma sociologia em mangas de camisa. *CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 1 (11), 84-92.

- Domingues, P. (2008) *A nova abolição*. São Paulo: Selo Negro.
- Guimarães, A. S. A. (2002) *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo.
- Filgueiras, F. de B. (2012). Guerreiro Ramos, a redução sociológica e o imaginário pós-colonial. *Caderno CRH*, 1 (65), 347-363. doi: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v25i65.19234>
- Maio, M. C. (2015). Guerreiro Ramos interpela a Unesco: ciências sociais, militância e antirracismo. *Caderno CRH*, 28 (73), 77-89.
- Mendes, M. G. (1993). *O negro e o teatro brasileiro*. São Paulo: Hucitec.
- Motta, J. M. C. (2010). 1970: o Congresso que redefiniu o campo do psicodrama brasileiro. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18 (2), 119-128.
- Motta, U. D. da J. (1986). *Um projeto de comunicação afro-brasileira*. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1986.
- FEBRAP. (2007). *O que é Psicodrama?* Disponível em <http://www.febrap.org.br/psicodrama/Default.aspx?idm=20>
- Oliveira, M. R. (2013). A ideologia racista de cor no discurso midiático filhas do vento. *Revista Calidoscópico*. 11, (2), 116-123.
- Oliveira, C. R. P. de, e Silva, N. C. F. da. (2012). O jornal Quilombo: fonte histórica de mobilização racial. *Anais da V Semana de História da UEG*, Porangatu, Goiás. Disponível em <https://www.anais.ueg.br/index.php/historiaporangatu/article/view/337>
- Quilombo: *vida, problemas e aspirações do negro*. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.
- Ramos, A. G. ([1958] 2006). Guerreiro Ramos: o problema do negro na Sociologia Brasileira. In. Schwartzman, S. *O pensamento nacionalista e os "Cadernos de Nosso Tempo"* (pp. 39-69). Brasília: UnB Editora.
- Ramos, A. G. (1995). *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

- Siqueira, G. de M. V., Santos, L. S., e Maciel, F. R. P. (2011). Contribuições de Alberto Guerreiro Ramos para o Ecode-senvolvimento. *Anais do XXXV Encontro da ANPAD*, Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR1246.pdf>
- Semog, É., e Nascimento, A. do. (2006). *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Silva, M. N. da, e Laranjeira, P. (2007) Do problema da “raça” às políticas de ação afirmativa. In: Pacheco, J. Q., Silva, M. N. da. (Orgs.). *O negro na universidade: o direito à inclusão* (pp. 125-138). Brasília - DF. Fundação Cultural Palmares, 2007.
- Sodré, M. (1998). Sobre a imprensa negra. *Revista Lumina*, 1, (1), 23-32.

